

O GUARDA-ROUPAS DE CANDOMBLÉ
ANCESTRALIDADE, DEVOÇÃO E TRADIÇÃO AFRO-BRASILEIRA

José Roberto Lima Santos (UNESP)¹

RESUMO

O presente trabalho, pretende analisar as vestimentas, trajes e indumentárias de orixás, a partir do interesse de buscar uma chave de compreensão do “ato de vestir-se” no candomblé de ketu, devido à importância da produção do vestuário, uso de vestes específicas e obtenção de um guarda-roupas, indissociados das ações ritualísticas realizadas no espaço templo/terreiro, apresentados nas iniciações e festividades no contexto religioso. Partimos da hipótese que o ato de vestir-se, perpassa a simples noção de beleza, sendo mantenedor da perpetuação, tradição, costumes, cultivo da memória ancestral, fortalecimento da cultura material e imaterial na diáspora.

PALAVRAS - CHAVE:

Vestimentas, trajes, indumentárias, guarda-roupa, candomblé.

RESUMEN

El presente trabajo pretende analizar la indumentaria, el vestuario y la indumentaria de orixás, desde el interés de buscar una clave para entender el "acto de vestir" en el ketu candomblé, debido a la importancia de la producción de indumentaria, el uso de indumentaria específica y la obtención de un vestuario, inseparable de las acciones rituales realizadas en el espacio templo/ terreiro, presentadas en las iniciaciones y festividades en el contexto religioso. Partimos de la hipótesis de que el acto de vestirse, impregna la simple noción de belleza, manteniendo la perpetuación, la

¹ Artista e pesquisador, graduado e pós-graduado pela FPA – Faculdade Paulista de Artes entre 2010 e 2014. Está no Mestrado acadêmico. É aluno na UNESP – Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho, Instituto de Artes Campus São Paulo, estando matriculado no PPGA IA – Artes, fazendo parte do Grupo de Estudos Investigações Cênicas: Teatro, Brincadeiras, Rituais e Vadiagens, ministrado e dirigido por Profa. Pós Doutora Marianna Francisca M. Monteiro. A pesquisa em andamento trata-se do vestuário afro-brasileiro, panejamentos e influências ocidentais na diáspora, no que se refere às vestimentas, trajes e indumentárias religiosas utilizadas no Candomblé.
www.robertosantosartes.com.br/jrl.santos@unesp.br

tradición, las costumbres, el cultivo de la memoria ancestral, el fortalecimiento de la cultura material e inmaterial en la diáspora.

PALAVRAS - CLAVE: prendas, indumentaria, disfraz, armário, candomble.

INTRODUÇÃO

No candomblé de ketu, temos uma imensa diversidade de vestimentas, trajes e indumentárias, que estão indissociados dos rituais realizados no templo/terreiro e fora dele. Além de serem elementos que diferem das demais religiões, passam a ser códigos de identidade, de identificação cultural dos participantes e fiéis.

Me proponho, em caráter de pesquisa, atentar-me para as diferenciações das vestes e suas funcionalidades. E para isso, procurei dividir e classificar em: vestimentas, trajes e indumentárias, devido ao uso específico de cada uma delas, ao contexto religioso afro-brasileiro ao qual estão inseridas. As vestes se diferenciam, embora dialoguem, conectem entre si e realizem a composição do vestuário e do guarda-roupas dos devotos, dos *elegùn orisà* (adepto ou fiel escolhido).

A partir de minha vivência em um templo de Umbanda em transição para o candomblé de ketu, fui iniciado para Oyá em 1995. Na vivência diária, atentei-me a observar que para cada ocasião, havia a necessidade de produção de um vestuário específico, ou seja, reivindicava-se uma roupa diferente. Mãos hábeis transformavam os tecidos em vestimentas, trajes para as festividades e belas indumentárias para as divindades veneráveis² – os orixás.

No momento que acontecem as atividades cotidianas do terreiro, usa-se roupas brancas, simples, que podem facilitar a locomoção, a gestualidade e as tarefas a serem realizadas. Como exemplo: limpar os espaços, adentrar os “quartos de orixá”, cozinhar, lavar, passar e engomar roupas, ornamentar e enfeitar o barracão ou grande salão,

² refiro-me a divindades veneráveis, a partir do conceito trazido em A Morte e os Poderes Invisíveis de Simon Bockie (1993). Ele diz:(...) as pessoas cantam, dançam (...)por causa dessa cerimônia de reconciliação, muitos ocidentais frequentemente erram ao acusar os africanos de adorarem os mortos. Esta acusação é infundada. Eles não oram os mortos, mas os veneram. Essa veneração é expressa no modo como os ancestrais são abordados (item 19 da tradução realizada por Gabriel Mustafan Persi).

consertar e manter a manutenção do espaço de convívio religioso. Mas também para a realização dos rituais voltados para o culto aos ancestrais, aos orixás veneráveis. As tarefas cotidianas, poderemos pressupor, que também são ações rituais, pois tudo que é realizado tem por objetivo “servir ao sagrado” e ao coletivo, a partir do indivíduo como sujeito, que faz parte da comunidade religiosa.

Quando o *elègùn orisà* (adepto ou fiel escolhido), entra para o terreiro ou templo, afasta-se de seus afazeres digamos que “normais” da vida cotidiana, deixando de lado sua profissão ou ofício. Irá se unir ao coletivo ao qual faz parte, numa sociedade contemporânea capitalista que o coloca como um ser social a partir do que é ou almeja ser. No templo ou terreiro, passa a ter uma outra identidade, a partir do contexto hierárquico pregado pela religião, que possui degraus a serem alcançados. E o vestuário, é utilizado para definir quem o adepto é, o lugar ocupado e orixá ao qual pertence, cultua e venera.

O vestuário do candomblé possui um simbolismo especial, que além de ético e moral, aponta posição, postura, legitimidade e hierarquia a cada um dos participantes. Por ser uma religião que preza e valoriza a importância da presença feminina, as vestes utilizadas por elas, merecem destaque, pois o “popular traje da baiana”, permanece até a atualidade e seu uso é de extrema relevância. E ao observarmos a sua construção, nos leva a tê-lo como uma obra de arte, assim, como os demais trajes masculinos e indumentárias de orixás.

A roupa da baiana composta pelo torço branco ou colorido, saia rodada e camizu (pequena bata) de richelieu e o pano da costa levado sobre o ombro é um exemplo dessa arte religiosa do vestir derivada tanto de uma estética africana como da imposição de uma moda europeia. Atualmente a arte de produzir essa vestimenta que envolve a tecelagem e o bordado, aplicação de rendas e outros acabamentos e um conjunto de técnicas manuais de amarração de torços e execução de laços têm sido preservados nos terreiros como legado de um importante conhecimento artístico-religioso (SILVA, 2008:101).

Nota-se a forma e a reverência que as vestimentas expressam no dia a dia do terreiro, através das atividades, em suas manifestações festivas ritualizadas, tanto no contexto interno que somente os iniciados fazem parte, quanto no contexto público. Os visitantes, esperam ansiosamente por esse momento, que é a celebração pública. Durante o ritual público, as divindades são apresentadas no xirê do candomblé de ketu,

regado de cânticos, musicalidades, evocações e homenagens aos deuses veneráveis – os orixás, do panteão nagô/ iorubá. E para isso, o vestuário é fundamental, fazendo com que todos os envolvidos se reconheçam e sejam reconhecidos como pertencentes da egbé. As vestes, lhes dão a sensação de pertencimento para louvar o sagrado. E ao louvar o sagrado, perpetuam a memória e ancestralidade na diáspora.

1.1 - As vestimentas do cotidiano do terreiro

As vestimentas do cotidiano do terreiro são em sua maioria brancas, conhecidas popularmente como “roupas de razão”³ para serem realizadas as funções de cada participante do candomblé. Para os homens é utilizado o calçolão, a camiseta/t-shirt, ou bata branca, o já (pano de cabeça). Já para as mulheres, teremos o calçolão, a saia rodada sem anáguas, o camisu, o ojá⁴ e o zinguê⁵. E em alguns momentos, as mulheres utilizam o pano da costa branco. Seja para se protegerem das baixas temperaturas, ou para se protegerem durante o ritual de ipadê⁶.

³ Esse termo se refere a vestir-se para a realização do trabalho, alguns afirmam que o surgimento dele, se deu no contexto escravocrata, no período colonial, onde os escravos vestiam-se com panos de sacaria de algodão ou café.

⁴ Pano que protege a cabeça, onde está localizado o ori, onde foi depositado o axé da divindade – orisà.

⁵ Suporte feito de tecidos na cor branco, para ser utilizado pelas mulheres para proteger os seios. No caso dos homens, para proteger o tórax. É muito utilizado nos rituais de bori, imolação de animais, no período de iniciação e obrigações anuais e na sustentação das faixas que serão amarradas, compondo a indumentária do orixá.

⁶ Ritual que homenageia ancestrais, egunguns, Iyamí Oxorongá e Exú, antes que de qualquer festividade religiosa restrita ou pública.

As vestes brancas, de uma certa maneira, propõem a homogeneização do grupo, nos dando a entender a importância da unidade, integração e identidade de todos os envolvidos, onde um reconhece o outro, passando a ser o código emblemático de expressividade religiosa afro-brasileira.

Importante ressaltar que todos os adeptos, passam a ter um guarda-roupas religioso, ou seja, ao adentrar para a “família de orixá”, terão que providenciar para a participação coletiva, o enxoval de cama, mesa e banho. Com o passar dos anos, o enxoval e guarda-roupas, vão se multiplicando, e com isso, irão reforçar a trajetória, os momentos, as recordações e principalmente, a evolução do iniciado. Cada peça adquirida, carrega consigo, um momento importante do percurso do *elègùn orisà* (adepto ou fiel escolhido), e da divindade venerável cultuada.

1.2 - As vestimentas dos abiãs

A porta de entrada para o candomblé, se dá a partir da iniciativa de quem pretende fazer parte dele, sendo chamado e reconhecido como *abiã* – aquele que irá renascer para uma nova vida.

Após passar pela consulta oracular ao *mérindilogún* - jogo de búzios, pelo *ebó* e por um ritual chamado “*obi d’água*”, realizado pelo *Babalorixá* ou *Iyalorixá*, receberá um fio de contas branco, usará um conjunto de roupas também brancas. Passará a frequentar o terreiro regularmente, e com o tempo, a divindade venerável, a qual vier a pertencer, dará os sinais para que seja realizada a iniciação. Nesse primeiro momento, ele está sendo orientado pelo sacerdote ou sacerdotisa, pelos irmãos mais velhos, numa convivência praticamente diária, para que comece a entender o contexto religioso, o comportamento, os modos de agir e de ser, dentro e fora da *egbè*⁷. Participará das festividades, terá sua posição na fila do *xirê*⁸ e tendo interesse e dedicação, aprenderá de tudo um pouco, antes de ser iniciado. Esta primeira fase, é de extrema importância, pois havendo a adaptação a um “novo modo de ser e viver” em um espaço religioso coletivo, terá a certeza se será ou não, o lugar ideal para cultuar seu orixá. Demandará de um tempo para observar e adaptar-se.

⁷ Comunidade religiosa.

⁸ Cerimônia religiosa, com regras fixas e vestuário pré-fixado, cujo objetivo é louvar as divindades veneráveis - os orixás, para que os adeptos perpetuem a tradição, a memória e cultura negra afro-brasileira.

O novo adepto do candomblé, ao freqüentar o terreiro, o templo, e participar das inúmeras atividades coletivas indispensáveis ao culto, logo se depara com uma nova maneira de considerar o tempo. Ele terá que ser ressocializado para poder conviver com coisas que, nos primeiros contatos, lhe parecerão estranhas e desconfortáveis. Ele tem de aprender que tudo tem sua hora, mas que essa hora não é simplesmente determinada pelo relógio e sim pelo cumprimento de determinadas tarefas, que podem ser completadas antes ou depois de outras, dependendo de certas ocorrências, entre as quais algumas imprevisíveis, o que pode adiantar ou atrasar toda a cadeia de atividades (PRANDI, 2001:46).

No momento que o orixá começa a dar os sinais, que podem ser de variadas maneiras, o Babalorixá ou Iyalorixá, irá consultar novamente o oráculo divinatório e com antecedência, marcará a data para que seja realizada a iniciação, que tem a duração de 21 a 45 dias de reclusão, e em seguida, mais três meses de cumprimento do preceito. O abiã irá receber uma lista de todos os materiais necessários, que incluem secos e molhados, grãos variados, frutas, animais, utensílios, materiais para a criação fios-de-contas, fios de palha, conjuntos de barro ou porcelana, tecidos etc. Mas também deverá adquirir um enxoval tal como citamos no início do texto, para que seja utilizado no momento de reclusão e para além dele.

A esse enxoval, no decorrer dos anos e obrigações dadas, serão agregados outros elementos, a cada degrau que for alcançado na egbè. O enxoval é composto de um conjunto de peças brancas como camisetas, calção, ojá ori (pano de cabeça), chinelos, lençóis, cobertores, toalhas etc.



Fig.1 e Fig.2 – vestimentas brancas do enxoval de iyawòó masculino e feminino
Fonte: https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-791295110-conjunto-de-roupa-feminino-umbandacandomble-_JM

O abiã, para além do enxoval e demais elementos materiais para a realização de sua iniciação, deverá se programar para adquirir uma reserva financeira, devido à necessidade da compra de tecidos, aviamentos, bordados, para a confecção de seu primeiro traje de festejo branco e para as demais vestes, para “o dia do orunkò”⁹ e a indumentária de seu orixá. Esses conjuntos podem ser confeccionados no próprio templo ou terreiro, ou ainda, encomendado com antecedência a alguém que costure para a religião, ou para um ateliê especializado. O Babalorixá ou Iyalorixá juntamente com os demais participantes, que organizam os detalhes dos festejos, irão decidir qual a melhor alternativa. E somando-se a isso, as insígnias, conhecidas popularmente como paramentos que irão compor a indumentária do orixá.

Por ser um momento que o custo é alto para a realização do processo iniciático, muitas vezes, os abiãs, contam com a colaboração de amigos, simpatizantes e irmãos de fé. Os abiãs preparam uma lista para que todos os envolvidos na egbè escolham o que será doado, de livre e espontânea vontade, de acordo com a condição de cada um. Sendo

⁹ Festividade conhecida também como “saída de santo”, que o iniciado será apresentado para a comunidade e dirá o nome de seu orixá. As pessoas não conseguem entender o nome, pois trata-se do segredo e força do elegùn orisà, porém, é um ato público que afirma o axé do templo ou terreiro e também da família de santo que a partir desse momento, o iyawô passará a fazer parte.

abiãs criativos, articulados, no seu ciclo de amizades, poderão criar rifas, sorteios ou até mesmo um chá da tarde para angariar fundos ou materiais necessários. Muitos até tentam se juntar a outros que irão se iniciar, para que não falte nada para os rituais e para os orixás. E nesse caso, dá-se o nome de “barco de ìyàwó”¹⁰, onde cada qual terá a sua classificação, por ordem de iniciação.

Com a contemporaneidade e a vida moderna, principalmente nas grandes capitais, têm-se cada vez mais, se tornado raro a iniciação de “barcos de ìyàwó”, devido aos compromissos profissionais de cada um dos adeptos. E com isso, programam a iniciação, de forma individualizada, optam por fazer uma poupança, para custear uma boa parte dos gastos necessários. Mas também, com a entrada da “classe média e abastada” nos terreiros, o fator individual, interfere nas relações de parcerias, por vários fatores e motivos, que não serão relatados aqui, uma vez que o tema central é o vestuário e o guarda-roupas de candomblé. Todo esforço é válido para alcançar o objetivo de adentrar para a religião afro-brasileira e fazer parte de uma egbé e louvar os orixás.

1.3 - Os Trajes de iniciação de ìyàwó

Um dos mais importantes ritos existentes no Candomblé de Ketu, é o de iniciação, um complexo rito de passagem que fará o adepto pertencer ao grupo e a egbé. O ciclo de cumprimento de reclusão no terreiro, varia entre 21 e 45 dias tal como citamos no decorrer do texto, a depender das normas e regras do templo ou terreiro. Durante o recolhimento, na camarinha, passará pelo processo de reeducação e adequação, receberá orientações e símbolos que confirmarão cada etapa ritual realizada. Após o processo de iniciação, será feita a apresentação do novo membro para a comunidade. E para que isso aconteça, realiza-se uma celebração festiva, popularmente

¹⁰ Grupo de pessoas que de acordo com a ordem de iniciação receberão os seguintes epítetos: o primeiro/a laô será chamado de Dofono/a, o segundo/a dofonitinho/a, o terceiro/a será chamado de Fomo/a, o quarto de Fomutinho/a, o quinto de Gamo/a, o sexto de Gamutinho/a, o sétimo de Vimo/a, o oitavo de Vimutinho/a, o nono de Gremo/a, o decimo de Gremutinho/a, o décimo/a primeiro/a de Caçula e daí por diante. Devido a afinidade que é gerada nessa iniciação coletiva, os elegùn orisà, geralmente, passam a dar as demais obrigações sempre em conjunto, pois se consideram irmãos de barco, por terem sido iniciados juntos.

conhecida como o “dia do orunkò”, envolvendo cânticos, danças e um variado banquete.



Fig.3 e Fig.4 – Traje da primeira e segunda saída de iyawòó iniciado para Oyá, 1995
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

Nesta celebração, chamada popularmente de “saída de ìyàwó”, o noviço (elègun orisà) em estado de transe - é apresentado a todos os convidados, a caráter, vestindo duas vestimentas e uma indumentária, nas seguintes etapas: em primeiro momento uma vestimenta branca, em homenagem a Oxalá, com o corpo pintado com (efum), giz branco - em segundo momento uma vestimenta colorida ou estampada, com o corpo pintado com (waji) pó azul e (osum) pó vermelho – e as cores da nação - e com a pena ekodidè de papagaio na cabeça e com a folha de pelegun nas mãos. Esta pintura composta por traços, círculos e outros desenhos aplicados na região dos braços, costas, ombros e, sobretudo, na cabeça, expressa inúmeros significados (SILVA, 2008:103). E em último momento, a indumentária que identifica e revela o orixá correspondente ao participante ou adepto.

Interessante perceber que aliada às indumentárias, há a presença de adornos no corpo, fios de contas no pescoço, feitos com palhas da costa, búzios, pedrarias variadas, dando ao conjunto o nome de “cangalha”, entre outros elementos visuais. O iniciado – iaô – em estado de transe – irá dançar vestido com a roupa e insígnias de seu orixá

(SILVA, 2008). E a partir desse momento, torna-se (um ou uma ìyàwó) que passará por outros processos religiosos no decorrer de sua trajetória. E após, haverá uma série de etiquetas que o iniciado irá seguir, cumprir, para manter-se membro do terreiro, até o final de sua vida ou enquanto fizer parte do grupo. Havendo para cada momento, vestimentas, trajes e indumentárias correspondentes, adquiridas no decorrer dos anos.



Fig.5 – Indumentária orixá Oyá, as insígnias e a cangalha, 1995
Fonte: Acervo pessoal do pesquisador

No sétimo dia, após o “dia do orunkò”, é realizada a “quitanda de erê”. A quitanda de erê é uma festividade ritual, que apresentará o erê do elegùn orisà também para a comunidade. Além de dizer seu nome, fará brincadeiras, venderá comidas, doces, guloseimas e ganhará presentes. É um momento de confraternização para apoiar o/a ìyàwó a recomeçar a sua vida pós-iniciação. Havendo condições, será confeccionado um novo traje para essa apresentação, caso não haja, o traje da segunda saída, colorido, é reutilizado. Com o dinheiro angariado, comprará materiais necessários para a manutenção ritual do cultivo de seu orixá e para se locomover, retornar para o seio da família consanguínea e ao trabalho formal ou informal.

Ao cumprir o “período de quelê”, três meses de preceito que se refere à iniciação, realiza-se uma outra cerimônia restrita, havendo a participação de poucas pessoas do templo ou terreiro. O traje é simples, na cor branco. O quelê, a umbigueira e o xaorô ou idé atado a tornozeleira, colocados, são retirados do pescoço e demais partes do corpo do/da ìyáwò, passando a cumprir somente os eewò¹¹, até realizar a obrigação de 1 ano. A cangalha é mantida e será usada nas festividades públicas. Uma vez por semana, cumprindo o preceito fora do templo ou terreiro, deverá comparecer uma vez por semana para dormir com seu orisà. Geralmente esse dia é as sextas-feiras. E se houver alguma tarefa ou ritual no final de semana, passará a participar, mas com várias restrições, pois ainda é um adósù - noviço.

Para ìyáwò masculinos, de acordo com as regras e normas de cada terreiro, usa-se calça branca, camisa social, bata branca, ojá ou iketê. Durante o xirê não usam calçados. Permanece o uso do tom branco.

Nos trajes de ìyáwò femininos, teremos o famoso traje de baiana com anáguas, camisu, calçolão, pano da costa e turbante sem abas. As iaôs ainda permanecem durante o xirê também descalças. A cor branca permanece na composição do traje e também é uma vestimenta simples sem adornos, mas com aviamentos modestos.

O ciclo se dá em períodos que se alternam como por exemplo: 1 ano, 3 anos, 5 anos, 7 anos, 14 anos e 21 anos completando-se o ciclo inteiro - adquirindo a maturidade na religião e na comunidade.

Os trajes são também utilizados em solenidades externas do templo/terreiro em homenagens de honra ao mérito, simpósios, conferências, encontros ecumênicos, manifestações políticas, culturais e artísticas. Abaixo pretendo detalhar um pouco mais sobre os trajes a cada obrigação realizada, uma vez que o guarda-roupa de candomblé vai se construindo juntamente com o/a ìyàwó.

2.1 – Trajes masculinos

(Odun Kíní) - 1 ano – calça, bata de lease bordada, ojá de lease bordada nos tons brancos e chinelas. A cangalha é retirada publicamente, o elegùn orisà passa a utilizar

¹¹ Tabus e regras que são relacionadas ao orisà e ao processo de iniciação.

somente o fio-de-contas de seu orisà. A depender do templo, a cangalha só é retirada na obrigação de 7 anos.

(Odun Ketá) - 3 anos – calça com barrados de renda guipir, alaká curto de guipir, ojá ou iketê e sandália branca de couro;

(Odun Márùn) - 5 anos – calça com barrados de renda francesa, alaká longo de renda francesa, ojá ou iketê e calçado babuche. Ao completar esse momento, o/a iyawô poderá utilizar nas festividades públicas anuais, trajes com cores e estampados;



Fig.6 – Traje Odun márún para elègún orixá de Xangô
Fonte: www.casaafricabrasil.com.br

(Odun Ijé, Odun Ejé ou Orò Odún Kéje) - 7 anos – calça branca e camiseta simples, calça e bata com barrados bordados de lease, ojá e iketê. E ainda o traje de richelieu completo. Nessa etapa, que define a posição e cargo a ser assumido no terreiro, o ìyàwò tornar-se a um egbomi, adquirindo a senioridade. A obrigação de sete anos é o início de um novo ciclo, o ciclo da maioridade. É um momento complexo e árduo para o iniciado e toda egbè. No dia da entrega do decá, que simboliza a maioridade, há cinco aparições durante o festejo.

A primeira saída é a “despedida do ìyàwó”, e estará trajado com uma vestimenta simples, carregando a dilonga amarrada a uma varinha de amoreira e o dilongá

amarrado a sua cintura. Na segunda saída, será apresentado para os egbomis que farão a confirmação pública de seu cargo ou se há predestinação para a abertura de seu templo ou terreiro. A terceira saída estará vestida com o traje de richelieu para receber o oyè¹² e o decá em uma bandeja com todos os elementos que irão legitimar a senioridade. A quarta saída é a vez do orisà que irá dançar para todos os envolvidos narrando sua história mítica. Na quinta e última saída, o orisà apresenta-se com todos os seus atributos e indumentárias na cor branco para dançar uma cantiga para todos os orixás e para Oxalá. Após o sétimo dia desta festividade, haverá uma outra ocasião somente aos adeptos do terreiro, havendo a aparição do juntó¹³, que pertence ao elegùn orisà com sua respectiva indumentária.

Importante ressaltarmos aqui, que nos intervalos de uma obrigação a outra, o/a elegùn orisà, irá ofertar o balaio para sua divindade. O ritual é restrito somente aos adeptos do templo/terreiro, que participaram da iniciação e que possuem algum vínculo com o/a ìyàwó. Não é realizada uma festividade para esse momento, porém, ao serem realizadas as festas de acordo com calendário anual do templo ou terreiro, os/as ìyàwó serão convidados a “vestir o seu orisà” que serão novamente homenageados nessas ocasiões.

2.2 - Trajes femininos

(Odun Kíní) - 1 ano – traje colonial, conhecido como “traje de baiana” composto por saia rodada, anáguas, camisu, pano- da- costa nacional branco, ojá de lease bordada nos tons brancos e chinelas. A cangalha é retirada publicamente, o elegùn orisà passa a utilizar somente o fio-de-contas de seu orisà. A depender do templo, a cangalha só é retirada na obrigação de 7 anos.

(Odun Ketá) - 3 anos – traje colonial, conhecido como “traje de baiana” completo contendo: saia, anáguas, camisu, pano-da-costa, com barrados de renda lease, alaká curto de lease, turbante e sandália branca de couro sem salto;

(Odun Márùn) - 5 anos – traje colonial, conhecido como “traje de baiana” completo com saia rodada, calçolão com barrados de renda francesa ou guipir, alaká

¹² Cargo que determinará a função a ser assumida no templo ou terreiro, uma vez que não tenha a missão de abrir um templo e iniciar pessoas.

¹³ Segunda divindade venerável.

longo de renda francesa, turbante e sandália branca de couro sem salto. Ao completar esse momento, o/a iyawô poderá utilizar nas festividades públicas anuais, trajes com cores e estampados;

(Odun Ijé, Odun Ejé ou Orò odún Kéje) - 7 anos – traje colonial completo na cor branca tal como citado acima. E ainda o traje de richelieu completo. Nessa etapa, que define a posição e cargo a ser assumido no terreiro, a iyàwó tornar-se a uma egbomi, adquirindo a senioridade. A obrigação de sete anos é o início de um novo ciclo, o ciclo da maioridade. É um momento complexo e árduo para o iniciado e toda egbè.



Fig.7 – Traje completo de bordados richelieu
Fonte: www.casaafricabrasil.com.br

No dia da entrega do decá, que simboliza a maioridade, há cinco aparições durante o festejo. A primeira saída é a “despedida do iyàwó”, e estará trajada com um traje colonial de baiana simples completo, carregando a dilonga amarrada a uma varinha de amoreira e o dilongá amarrado a sua cintura¹⁴. Na segunda saída, será apresentado para os/as egbomis que farão a confirmação pública de seu cargo ou se há predestinação para a abertura de seu templo ou terreiro. A terceira saída estará vestida com o “traje de richelieu” completo, para receber o decá em uma bandeja, com todos os elementos que irão legitimar a senioridade. E em seguida, em público, receberá o Oyê, oyè ou ipò - cargo que deverá assumir posteriormente. É outorgado pelo Babalorixá ou Iyalorixá

¹⁴ Prato e caneca de ágata (metal branco).

juntamente com convidados e pessoas mais velhas. A quarta saída é a vez do orisà, da divindade venerável, que irá dançar para todos os envolvidos narrando sua história mítica. A última e quinta saída, o orisà apresenta-se com todos os seus atributos e indumentárias na cor branco para dançar uma cantiga para todos os orixás e para Oxalá.

Após o sétimo dia desta festividade, haverá uma outra ocasião somente aos adeptos do templo/terreiro, havendo a aparição do juntó, a segunda divindade ao qual pertence o/a elegùn orisà com sua respectiva indumentária. Após o cumprimento dos preceitos que se referem a esse momento, o/a egbomi terá uma “certa liberdade” no uso de trajes, incluindo variedades de vestes, incluindo os trajes africanos, atualmente utilizadas nos templos/terreiros pesquisados, devido ao processo de reafrikanização a partir da década de 80 em São Paulo.

Após a obrigação de 7 anos, mantém-se o hábito de ofertar o balaio uma vez por ano para o orisà ao qual o/a egbomi foi iniciado, havendo a reclusão e demais rituais, porém, com flexibilidades e haverá uma data específica para a celebração. Embora esse costume esteja se perdendo, há também, no caso das mulheres, a inserção de “fitas de cetim”, no barrado das saias rodadas. A cada obrigação dada, a elegùn orisà, recebia em sua saia rodada, uma fita que iria demonstrar a sua “idade” na egbé, ou seja, a cada ano, a quantidade de fitas de cetim iam aumentando, até atingir a quantidade de 7 fitas, demonstrando o caminho religioso percorrido. Ao completar 14 anos - o Odun Ika - o/a egbomi irá renovar os seus votos perante os orixás e vai oferecer ebós, comidas ao ori e ao orixá da sua cabeça, tal como anteriormente, no decorrer dos anos, desde a sua iniciação.



Fig.8 e Fig. 9 – Trajes dos egbomis feminino e masculino
Fonte: www.casaafricabrasil.com.br

Ao chegar aos 21 anos, o Odun Okanlelogun, será a última obrigação. O egbomi irá se tornar um Mokotono (ancião/anciã), um termo que os mais antigos usavam para falar sobre aqueles que são mais velhos e sábios. Um Mokotono tem o respeito de toda a sociedade porque ele/ela cumpriu com o compromisso de devoção e fé para com seu orisà, pois passou por todos os processos, atos e obrigações. Todos os orixás e pessoas mais novas do templo/terreiro, cada qual com sua posição ou cargo de senioridade, mesmo que Babalorixás e Iyalorixás, devem reverência a essa pessoa. Segue-se os procedimentos rituais, de acordo com a senioridade alcançada, porém, a festividade é motivo de orgulho tanto para o/a egbomi quanto para o Babalorixá ou Iyalorixá, devido a perpetuação da linhagem e fidelidade para com o axé recebido anteriormente, na iniciação.

Dentro do rito, as várias formas de se vestir despertam nos envolvidos uma preocupação com a forma estética, pois estas designam a função e o papel de cada um. Essas características devem ser visíveis aos visitantes, pois propiciam a identificação dos visitantes com as divindades no ritual (SILVA, 2016:25).

Cabe ressaltarmos aqui, que o turbante que faz parte do traje de todos os participantes, seguindo várias regras de utilização: para os ìyàwó, sempre será amarrado de maneira fechada, cobrindo toda a cabeça, e as extremidades abaixo das orelhas, sempre estarão aparentes. Para os egbon/egbomis, o turbante possui “uma ou duas pontas que ficam aparentes”, sem ultrapassar a cabeça. Quando um/uma egbomi usa o turbante com uma ponta aparente do lado esquerdo, pertence a divindade venerável masculina – orisà oborò. Se estiver usando com duas pontas aparentes pertence a divindade feminina – orisà aiyabá.



Fig.10 e Fig.11 – Turbantes
Arquivo pessoal do pesquisador

Ao nos referirmos às vestimentas, trajes e indumentárias, poderemos afirmar, que são dispositivos que contém a força do axé, e partir do vestuário há a valorização do sagrado para além das necessidades materiais ou condições financeiras, uma vez que a fé perpassa por essa questão. O mistério está nas entrelinhas ao louvar o sagrado. E as vestes corroboram para a perpetuação da memória ancestral, o mistério que as envolve e o repertório contido nos dogmas do candomblé de ketu na confecção do vestuário.

Para além dos rituais sagrados restritos e públicos, permite-se a celebração e devoção, traduzidos no calendário de festas e demais práticas que concernem à vitalidade do culto religioso negro e afro-brasileiro em diáspora. Ao abrir suas portas para apresentar o xirê dos orixás, o templo ou terreiro, convida a todos para celebrar e venerar o sagrado. E nada mais propício que estar bem trajado. Pois para os orixás veneráveis oferta-se o que há de melhor, sem nenhuma parcimônia. Há uma busca incessante, ad infinitum, pois a regra é: luxo, poder e glória.

2.3 - As Indumentárias dos Orixás

As indumentárias de orixás, são um dos mais importantes elementos visuais da liturgia religiosa afro-brasileira, criado, concebido e elaborado para mostrar a devoção e a relação profunda dos adeptos aos deuses. A estética, a visualidade dos trajes, de fundamental importância, seguindo uma estrutura específica de cores, nós, laços, símbolos identitários, dão ao ato de vestir-se, um teor voltado para a tradução dos atributos e grandes feitos realizados dos orixás, enquanto seres viventes, antes de se transformarem em seres divinos, em ancestrais veneráveis.

“Vestir o santo” é como no candomblé se diz quando uma pessoa se inicia e pode receber em seu corpo a manifestação da energia imaterial do orixá e, nessa condição de transe, vestir-se com a roupa e insígnias que caracterizam a identidade mítica do seu orixá. Estas vestimentas e insígnias, por meio das quais os orixás se manifestam para dançar e estar entre seus filhos, constituem a face mais conhecida do candomblé (SILVA, 2008:100).

Ao observarmos os meios de produção das indumentárias de orixás, de acordo com os templos/terreiros pesquisados em campo, há regras que são seguidas de acordo com o grau alcançado pelos adeptos. Pois desde a iniciação, a maneira com que as vestes são construídas, expressam o patamar que o elegún e seu orisá estão ocupando na egbé.

Os critérios estruturais obedecem a ordem de elementos que compõe as vestes, que são elaboradas com peças acabadas e separadas que se transformarão em outros elementos que totalizam e personificam o orixá. Os elementos para as divindades femininas – aiyabás - são: a saia rodada com ou sem pala de 5 a 6 cm, calçolão com barrados, camisu, quatro faixas que se transformam em laços ou laçarotes, o zinguê para sustentação dos seios, e o ojá ori (pano de cabeça). Muitas vezes, a depender da divindade feminina, aparecerá algum outro elemento específico, como por exemplo, uma sobreposição sobre a saia rodada na parte das costas ou laterais, com delicados adornos ou enfeites.

Na composição da indumentária litúrgica do orixá podemos observar duas categorias de objetos artístico-religiosos. A primeira refere-se à vestimenta propriamente dita do orixá que cobre o corpo do iniciado no momento do transe. A segunda engloba as insígnias e adereços que o orixá carrega na cabeça, pescoço, peito, ombros, pulsos, mãos e pernas. Esses objetos revestem-se de uma aura do sagrado que devem, inclusive, ser diferenciados daqueles que os adeptos usam no cotidiano (SILVA, 2008:101).



Fig.12 – Indumentárias de orixás: Ewá, Oxum, Oyá e Yemoja
www.casaafricabrasil.com.br



Fig. 13 e Fig.14 – Indumentárias de orixás para Logun edé com bombacho e com saieta
 Fonte: www.casaafricabrasil.com.br

Ao nos referirmos aos orixás masculinos – oborós, a estrutura é semelhante, mas ao invés da saia rodada, teremos a saieta com a medida de 5 a 6 m na altura do joelho, 4 faixas que se transformarão em sobreposições com diversos formatos, o calçolão com barrado, o zinguê para a sustentação atado ao toráx e o ojá ori (pano de cabeça). Em

alguns terreiros ou templos, a saieta foi abolida, sendo substituída pelo bombacho quando o elegùn orisà é do gênero masculino, iniciado para orisà oboró. Mas essa regra não se aplica para as mulheres que veneram os orixás masculinos. Permanecem com a saieta.

Conforme as obrigações anuais vão sendo realizadas, acrescenta-se mais elementos à indumentária, ou muitas vezes, de acordo com o templo/terreiro, confecciona-se uma peça completa para cada ano. E com isso, o guarda-roupa da divindade venerável, também vai adquirindo mais elementos e ficando cada vez mais suntuoso.

Ainda, há templos/terreiros que decidem na iniciação, criarem a indumentária completa com todos os atributos que se referem às divindades. O conjunto será utilizado em todas as cerimônias anuais, ou seja, em todas as obrigações. Somente após a obrigação Odun Ojé – de 7 anos, o elegùn orisà, egbomi, poderá confeccionar outras.

Para a elaboração e criação das indumentárias, tem-se ainda, a iconografia das divindades do panteão nagô iyorùbá – os orixás – divindades veneráveis¹⁵, de forma metafórica e fragmentada, interpretadas através das oralituras, sendo passado em primeiro momento de boca em boca, no que se refere aos itans, orikis e mitos.

As histórias e fábulas, servirão de referência para criação das vestes, visando uma profunda busca de elementos materiais que possam traduzir esses aspectos contados e recontados, tendo o corpo como suporte e sujeito da experiência na vivência no templo/terreiro, na construção das indumentárias, pela credibilidade e fé na religiosidade, fortalecidas pelas ações coletivas e individuais, através de festejos, iniciações, rituais sagrados e celebrações. Da mesma maneira que os mitos se multiplicam, as indumentárias também vão se multiplicando.

Podemos afirmar, que a cada indumentária confeccionada, um mito é contado, e com isso, não se atinge uma totalidade. Sempre haverá um novo elemento contido na construção das vestes, que serão diferentes umas das outras, mesmo para um mesmo

¹⁵ refiro-me a divindades veneráveis, a partir do conceito trazido em A Morte e os Poderes Invisíveis de Simon Bockie (1993). Ele diz:(...) as pessoas cantam, dançam (...)por causa dessa cerimônia de reconciliação, muitos ocidentais frequentemente erram ao acusar os africanos de adorarem os mortos. Esta acusação é infundada. Eles não oram os mortos, mas os veneram. Essa veneração é expressa no modo como os ancestrais são abordados (item 19 da tradução realizada por Gabriel Mustafan Persi).

orisà. Embora haja a obediência e respeito aos elementos que o traduzem, o personificam no meio material - no aiyè, mundo dos seres vivos, percebe-se a presença de elementos variados no guarda-roupas de cada uma das divindades veneráveis que fazem parte do panteão nàgó-iyorùbá.

Segundo Reginaldo Prandi, em Segredos Guardados (2005), as indumentárias e acessórios do povo do santo, compõem um código complexo e rico, que bebe em fontes de inspiração diversas e em que formas e cores concorrem para uma beleza exuberante e particular. Nessa religião em que o rito é mais importante – e a religiosidade é vivida e expressada com muita ênfase pela exterioridade, de tal modo que por vezes a forma acaba embotando o conteúdo (pag.151).

A apropriação de elementos ocidentais apresentados na criação – (confeção) do vestuário e adornos, devido ao processo de colonização, catequização e tráfico transatlântico para terras brasileiras, darão ao africano e seus descendentes, formas de cultivar, criar e produzir as indumentárias religiosas, apontando-nos situações híbridas nas relações entre África, Europa e Brasil. E através de negociações, acordos e resistências, os africanos e seus descendentes tiveram como objetivo fortalecer a cultura de seus povos, a preservação da memória e modos de ver, viver e ser a religião negra na diáspora.

As indumentárias, passam a ser intérpretes de tais realidades, impulsionando o fortalecimento da memória, do patrimônio material e imaterial de um povo em diáspora. Segundo o levantamento do pesquisador Daniel Roche, a indumentária (grifo meu) mais do que qualquer outro elemento da cultura material, incorpora os valores do imaginário e as normas da realidade vivida; é um campo de batalha obrigatório do confronto entre a mudança e tradição (2000:262).

Ao refletirmos sobre tais afirmações de Roche, percebe-se que a construção das indumentárias de orixás acompanha a moda, o surgimento de novos materiais e novas possibilidades que atraem o olhar dos adeptos de candomblé. Embora haja a tradição, por ser uma religião viva, atuante e realizada por pessoas, não há imutabilidade absoluta. As mudanças e tradição estão em constantes diálogos e conflitos aparecem, vão surgindo no decorrer dos tempos.

No livro “Moda e História – As Indumentárias das Mulheres de Fé”, Lody afirma: Os conceitos de beleza e estética estão profundamente relacionados aos conceitos de pertencimento. Portar, usar, exhibir, apropriar-se do belo. É viver e transmitir o belo. Certamente, está no corpo o melhor espaço de realização e de comunicação desse amplo e rico conjunto de manifestações de povos africanos. As escolhas de cores, de materiais e de objetos, constituem-se em textos visuais, sonoros e plásticos, que tem significados e sentidos para uma sociedade, uma etnia ou grupo cultural que assume sua identidade; e é justamente com base nessas diferenças que se distinguem os mais importantes sinais da pessoa e de sua história (2015:21).

A imponência apresentada nas indumentárias dos orixás, prezam tal como citado acima, pela plasticidade e estética visual, havendo uma vasta tabela cromática, texturas, cores, elementos naturais, adornos, joias, que tendem a valorizar a identidade afro-brasileira, a partir dos rituais restritos e públicos, apresentados nas festividades públicas religiosas na comunidade – egbè – e todos os envolvidos. E ainda, haverá a aliança à indústria têxtil nacional e internacional, enfatizando-se a persistência de exaltar o divino com o que há de mais nobre e belo.

A perpetuação da indumentária no Candomblé, se dá no modo de fazer, pelo cuidado com o corpo que será o suporte e veículo através da atuação, experiência, participação, vivência no decorrer dos anos em um terreiro de candomblé.

No corpo, ou por meio dele, manifestam-se o mundo do invisível habitado por deuses e ancestrais que podem voltar à terra durante o transe ritual, e do visível habitado pelos vivos em suas redes de parentesco e de afinidade. Por isso, todos os sentidos do corpo são extremamente valorizados nas religiões afro-brasileiras: cores e formas que os olhos distinguem; texturas e densidades que o tato reconhece; músicas e rezas que as bocas proferem, os ouvidos recebem e a memória preserva, sobretudo por meio da tradição oral; cheiros e sabores que os narizes e bocas reconhecem na degustação da elaborada cozinha ritual (SILVA,2008:100).

Quanto mais tempo se tem de atuação no culto, na veneração aos orixás, haverá refinamento na utilização das indumentárias, pois traduzirão a trajetória da divindade, sua identidade e quem a cultua.

Exemplificando: para os orixás aiyabás (divindades femininas), sempre há o uso de um elemento que irá identificá-la. Ou seja, para Oyá o uso do cobre em seus

elementos iconográficos, para Yemoja/Yemanjá, o uso do metal branco, para Oxum o uso do metal dourado. Enquanto para os orixás oborós (divindades masculinas) como por exemplo, para Ogum e Oxóssi haverá o uso do ferro bruto transformado em algum acessório, enquanto para Omolu ou Obaluwayiè, a palha da costa natural ou tingida com urucum.

A presença da joalheira, por designers que dominam a técnica da ourivesaria tem lugar de destaque para a confecção das insígnias/paramentos. Nota-se que há um esforço para contextualizar tanto a história quanto os aspectos mitológicos de cada divindade, de cada orixá - a partir das indumentárias e tudo que lhe dá possibilidades de afirmação e sentido, no que se refere ao contexto religioso do candomblé de ketu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abrirmos o guarda-roupas nos templos/terreiros visitados durante a pesquisa de campo, foi possível compreender a importância, relevância e uso do vestuário religioso afro-brasileiro, diversidades e particularidades.

O ato de vestir-se no candomblé é de extrema importância para os adeptos e para o fortalecimento da religião em uma sociedade contemporânea que ainda está pautada na hegemonia eurocentrada cristã e patriarcal, que fortalece o preconceito, o racismo e o proselitismo contra as religiões de matriz africana.

Ao ter contato com os interlocutores, histórias, vivências e experiências no decorrer de anos de prática religiosa, percebe-se o quanto a fé e a devoção são traduzidas pelo ato de vestir-se, adornar-se para cultuar as divindades veneráveis – os orixás.

O vestuário, portador de cultura material e imaterial, traduz o percurso dos adeptos, fortalece os mitos que correspondem às suas divindades no aiyè – mundo terreno. Os adeptos ao vestirem-se, homenageiam suas divindades, comemoram, celebram as dádivas alcançadas no decorrer de uma vida dedicada ao sagrado. E ainda, demonstram o quanto foi preservado na diáspora pelos antepassados que sistematizaram os ritos e o vestuário de candomblé, dando continuidade na preservação e perpetuação do uso das vestes ritualísticas.

O guarda-roupas dos adeptos e dos seus orixás, reforçam a tradição em seus modos de vestir-se, mais que necessária para auto-afirmação, identidade da egbè – (comunidade) e todos que dela fazem parte, em pró da perpetuação cultural religiosa africana e afro-brasileira na diáspora.

REFERÊNCIAS

DUCCINI, Luciana. *Diplomas e decás, identificação religiosa de membros de classe média no Candomblé*, Salvador: EDUFBA, 2016.

LODY, Raul. *Moda e História, As Indumentárias das Mulheres de Fé*, Editora Senac, 2015.

PRANDI, J. Reginaldo. *O Candomblé e o tempo, concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro-brasileiras*. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v16n47/7719.pdf> (visita realizada em 20 de julho 2020).

_____. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. Companhias das Letras, 2005.

ROCHE, Daniel. *História das coisas banais: nascimento e consumo nas sociedades do século XVII ao XIX*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

SILVA. Vagner Gonçalves da. *Os Orixás da Metrópole*, Editora Vozes, 1995.

_____. *Arte religiosa afro-brasileira: as múltiplas estéticas da devoção brasileira*, DEBATES DO NER, PORTO ALEGRE, ANO 9, N. 13, P. 97-113, JAN./JUN. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/5251> (visita realizada em 18 julho de 2020).